

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

Caroline Cristiane Vargas de Souza

**TRADUZINDO METÁFORAS CONCEITUAIS:
UMA ANÁLISE DESCRITIVA DAS ESTRATÉGIAS USADAS NA TRADUÇÃO DE
*THE BOOK THIEF***

Porto Alegre

2021

Caroline Cristiane Vargas de Souza

**TRADUZINDO METÁFORAS CONCEITUAIS:
UMA ANÁLISE DESCRITIVA DAS ESTRATÉGIAS USADAS NA TRADUÇÃO DE
*THE BOOK THIEF***

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Letras - Tradutor Português e Inglês junto ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Dr^a Márcia Moura da Silva

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Vargas de Souza, Caroline Cristiane
Traduzindo metáforas conceituais: Uma análise
descritiva das estratégias usadas na tradução de the
book thief / Caroline Cristiane Vargas de Souza. --
2021.
34 f.
Orientadora: Márcia Moura da Silva.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Bacharelado em Letras: Tradutor Português e
Inglês, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Teoria da Metáfora Conceitual. 2. Estratégias de
Tradução. 3. Estudos de Tradução. 4. The Book Thief.
I. Moura da Silva, Márcia, orient. II. Título.

Dedico este trabalho à minha mãe e a todas as mulheres presentes em minha vida que me fizeram acreditar que eu poderia ser mais.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha família, principalmente aos meus pais, Luiz e Eledi, por me incentivarem a ir atrás do que eu quero e proporcionar todo o apoio necessário para que eu o fizesse sem me preocupar. Em especial, serei eternamente grata à minha mãe, por continuamente me incentivar a continuar estudando e progredindo, por sempre acreditar em mim e fazer de tudo para que todas as dificuldades encontradas fossem as menores possíveis.

Agradeço também a todos os amigos pela paciência e constante apoio, sem vocês eu não teria chegado aqui. Em especial, gostaria de agradecer à minha prima Luciana Lilja, que sempre foi uma grande fonte de inspiração e nunca falhou em me motivar nos momentos mais difíceis. Também, e não menos especial, agradeço à minha amiga Débora Abeling, por estar ao meu lado durante todos esses anos e ser o primeiro incentivo que tive para ler, estudar e me tornar alguém melhor.

Gostaria de agradecer a todos os artistas que me mantiveram sã durante essa jornada. Não fosse pelos livros, pelas músicas e pela arte, eu não teria chegado aqui. Em especial, gostaria de agradecer ao Paramore e ao BTS por me ensinar a perdoar os pequenos erros, a valorizar quem eu sou e o que eu tenho, e por me mostrar mais sobre o mundo do que eu jamais seria capaz de aprender sozinha.

Agradeço aos professores da graduação que ajudaram a moldar a tradutora que sou hoje.

E, por fim, agradeço imensamente à minha orientadora, Márcia Moura, por todo o conhecimento passado a mim durante a minha formação como profissional, por toda a paciência e motivação durante esses tempos difíceis. É por conta de professores como tu que eu me apaixonei pela tradução e escolhi continuar tentando.

“I have hated the words and I have loved them, and I hope I have made them right.”

(ZUSAK, 2016, p.528)

RESUMO

Através da análise da tradução do livro *The Book Thief* (2016), de Markus Zusak, este estudo tem como objetivo descrever as estratégias usadas pela tradutora, Vera Ribeiro, para lidar com metáforas presentes na obra, com base na definição de Lakoff e Johnson (2003), que afirmam que a metáfora faz parte de um sistema complexo, estruturado por mapeamentos conceituais e que permeia vários aspectos de nossas vidas, e não somente a linguagem, como se acredita na visão tradicional da metáfora. A linguagem, do ponto de vista da Teoria da Metáfora Conceitual, é secundária, visto que é o mapeamento conceitual que corrobora o uso da linguagem. Esse mapeamento é o conjunto de correspondências conceituais que liga um domínio alvo e um domínio fonte, e geralmente é representado pela estrutura mnemônica DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE, em caixa alta. Para a análise, foram selecionados exemplos do texto de partida com expressões metafóricas relacionadas a cores e alimentos, por serem recorrentes no livro. Esta pesquisa é orientada pelo modelo de tradução de metáforas de Schmidt (2015), que não tem por objetivo avaliar a qualidade de uma tradução, mas pode servir como base de referência para futuros estudos e oferecer uma tipologia de estratégias mais pontual para a tradução de metáforas conceituais. Os resultados mostram que as estratégias mais usadas na tradução foram as que o autor denomina tipo 1a e tipo 1b, em que as expressões metafóricas pertencem ao mesmo mapeamento e possuem sentido similar ao texto de partida.

Palavras-chave: Metáfora Conceitual. Estratégias de Tradução. Estudos de Tradução. A Menina Que Roubava Livros. *The Book Thief*.

ABSTRACT

Through the analysis of the translation of *The Book Thief* (2016), by Markus Zusak, this research aims to describe the strategies used by the translator Vera Ribeiro to deal with the metaphors present in the book, under the definition of Lakoff and Johnson (2003), who argue that metaphor is part of a complex system, structured by conceptual mappings and that permeates various aspects of our lives, not only language as is believed in the traditional view of metaphor. From the point of view of the Conceptual Metaphor Theory, language is secondary, whereas it is the conceptual mapping that licenses the use of language. This mapping is the set of conceptual correspondences that link a target domain and a source domain. It is usually represented by the mnemonic structure TARGET-DOMAIN IS SOURCE-DOMAIN, in capital letters. For the analysis, the examples with metaphorical expressions related to colors and food were selected from the source text, as they are recurrent in the book. This research is guided by Schmidt's (2015) model of translation of metaphors, which does not aim to assess the quality of a translation but can serve as a base reference for future studies and offer a more specific typology of strategies for the translation of conceptual metaphors. The results show that the most used strategies in translation were type 1a and type 1b, in which the metaphorical expressions belong to the same mapping and have a similar meaning to the source text.

Keywords: Conceptual Metaphor. Translation Strategies. Translation Studies. *A Menina Que Roubava Livros*. *The Book Thief*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 OBRA, AUTOR E TRADUTOR.....	12
1.2 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	13
2 METÁFORA CONCEITUAL E TRADUÇÃO	15
2.1 ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO.....	21
3 ANÁLISE E RESULTADOS	27
4 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

Desde 1980, o que entendemos sobre metáfora passou por diversas mudanças. A partir da definição de Lakoff e Johnson da Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), a metáfora passou a ser entendida como a forma em que conceitualizamos nossas experiências diárias, estando presente na vida cotidiana. Nessa nova percepção, a metáfora é parte não somente da linguagem, mas também da forma como percebemos o mundo, como pensamos e agimos (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 3). Quando aplicamos essa definição sob a perspectiva da tradução, precisamos considerar as diferenças culturais que permeiam a forma em que cada par de línguas conceitualiza suas próprias experiências e as dificuldades resultantes dessas particularidades, pois dificilmente vamos encontrar *equivalentes*¹ ao traduzir entre duas línguas, mesmo que estas sejam de mesma origem. É pensando nisso que vou considerar o que Williams e Chesterman (2002) colocam como uma abordagem contrastiva, que busca por correspondências *aproximadamente iguais* (ou \approx) de sentido ou efeito, em contraste com o modelo anterior, simplesmente comparativo, de se procurar por uma correspondência que seja *equivalente a* (ou $=$). Segundo esses autores, nessa abordagem contrastiva Catford coloca a tradução como um problema de alinhamento, já que o objetivo é encontrar uma correspondência na língua alvo que se alinhe mais aproximadamente sob as restrições de contexto com um elemento específico na língua fonte.

No caso de tradução de metáforas, devemos levar em consideração até que ponto conseguimos encontrar conceitualizações na língua alvo que se aproximem do texto de partida; quais seriam as estratégias mais adequadas para conseguir tal aproximação? Nesse sentido, pode-se fazer uso de um número de estratégias que vão desde a forma como o tradutor decide abordar o texto como um todo (estratégia global), até estratégias mais pontuais (estratégias locais), como adições, omissões, glosas, entre outras (CHESTERMAN, 1997). Além disso, estratégias usadas especificamente para a tradução de metáforas conceituais (SCHMIDT, 2015) também servem para auxiliar na compreensão do processo de tradução, mas dessa vez com um enfoque na tradução de expressões metafóricas licenciadas² por Metáforas Conceituais.

¹ Vários são os autores nos Estudos da Tradução que discorrem sobre o conceito de equivalência. Para um amplo debate sobre as diferentes perspectivas sobre equivalência, ver Pym (2017).

² Este termo, que foi traduzido literalmente do inglês *licensed*, vem sendo usado em outros trabalhos que discutem metáfora, como é o caso de Lima (2003a, 2003b).

Esta pesquisa surgiu a partir da vontade de entender melhor como a tradução de metáforas é abordada no livro *The Book Thief*. Embora a tradução de metáforas venha sendo estudada dentro da área de Estudos de Tradução (ET) por pelo menos 40 anos, Schmidt (2015) afirma que o foco durante os anos 1980 era estabelecer relações de equivalência entre o texto de partida (TP) e o texto de chegada (TC). A TMC só chegou aos ET recentemente, quando esta área começou a se afastar cada vez mais da área da linguística, aproximando-se, então, dos Estudos Culturais, Ciências Sociais e Ética.

Assim, ao analisar a tradução para o português brasileiro do livro *The Book Thief* (2016), de Markus Zusak, busco investigar quais estratégias foram usadas para lidar com as metáforas existentes no livro em inglês e quais características são destacadas ao se traduzirem essas metáforas. Por ambas as línguas se tratarem de pares linguísticos muito próximos e de mesma origem latina, vou verificar se as metáforas usadas no TP são compartilhadas ou se mantiveram no TC. A análise se dará a partir de uma pesquisa baseada na TMC de Lakoff e Johnson (2003), em uma pesquisa descritiva de abordagem contrastiva em que, ao colocar a tradução lado a lado com o TP, descreverei as escolhas tradutórias com base na classificação de Schmidt (2015).

Para elaborar esta análise, fiz a leitura do livro *The Book Thief* (2016) para buscar metáforas utilizadas pelo autor. Por ter notado uma certa frequência de metáforas relacionadas a céu, cores e alimentos, por uma questão de espaço, decidi analisar somente os exemplos de metáforas que trazem esses elementos, que me parecem cruciais no desenrolar da história, visto que a narradora, a morte, nota as cores do céu sempre que aparece para coletar uma alma e frequentemente usa metáforas relacionadas a comida para descrever o céu nesses momentos. Como utilizei uma cópia digital da obra, fiz uma busca por palavras-chaves (ex. sky, horizon, cloud, yellow, gray, eat, bake, cook) para coletar meus exemplos, totalizando 14 ocorrências.

Agrupei, então, estas metáforas de acordo com o mapeamento do qual elas faziam parte e, por uma questão de espaço, para a análise aqui apresentada, selecionei apenas alguns exemplos (7 exemplos relacionados a cores e 7 relacionados a alimentos) que referenciam aos mapeamentos: i) PESSOAS SÃO ALIMENTOS; ii) PESSOAS SÃO CORES; iii) A COR DO CÉU É UM ALIMENTO; e

iv) O CÉU É UMA ENTIDADE. Logo após, identifiquei quais foram as estratégias de tradução escolhidas pela tradutora, com base na tipologia de Schmidt (2015).

1.1 OBRA, AUTOR E TRADUTOR

The Book Thief, do autor australiano Markus Zusak, é um bestseller mundial, ainda entrando no topo da lista de mais vendidos do site da Amazon mais de uma década após o seu lançamento. Sua primeira edição foi publicada em 2005, e já foi traduzida para mais de 60 línguas desde seu lançamento. Foi adaptado para o cinema em 2013, chegando aos cinemas brasileiros no início de 2014. O livro conta a história de Liesel Meminger, dos 9 aos 14 anos, na Alemanha Nazista durante sua jornada para se adaptar a sua família adotiva, e é bastante conhecido por seu narrador inusitado, a morte. Em uma narrativa que dá ênfase ao poder das palavras e atos de Hitler em justaposição com as de uma menininha alemã, é natural que se encontre várias camadas de sentido no texto que dão vida à narrativa.

De mãe alemã e pai austríaco, Markus Zusak cresceu ouvindo histórias da dos bastidores da Alemanha nazista, em que crianças rebeldes jogavam pão para judeus e famílias que os escondiam em suas casas. Foram essas histórias que o levaram a escrever sobre a vida de Liesel. Zusak apresenta um desafio para os tradutores em sua narrativa, pois constantemente faz com que objetos signifiquem mais que seu propósito primário. Compara, por exemplo, o céu com conceitos incomuns, como areia movediça, ou também o personifica: "A pergunta é: qual será a cor de tudo nesse momento em que eu chegar para buscar você? Que dirá o céu?" (ZUSAK, 2010, p.10). Trechos como esse são comuns no livro e podem criar um desafio para a tradução.

O romance foi traduzido para o português, com o título *A Menina Que Roubava Livros*, por Vera Ribeiro em 2006 pela editora Intrínseca. Ela foi a mesma tradutora responsável por traduzir todos os livros de Lionel Shriver publicados pela Intrínseca no Brasil, e até 2010, Ribeiro já tinha mais de 350 traduções publicadas. Sua carreira como tradutora começou como um desejo de melhorar seu conhecimento em psicanálise e se estendeu na área técnica, na qual traduziu por 15 anos, até que editores a convenceram a entrar na área da tradução literária. Sua tradução de *The Book Thief* foi escolhida uma das melhores publicações em 2007 pelo jornal O Globo.

Mesmo sendo um livro muito conhecido no Brasil, poucas pesquisas foram

publicadas sobre a obra, especialmente na área dos ET. Ao procurar por pesquisas que tenham o livro como objeto, pude ver que a maioria aborda o aspecto narrativo, e não necessariamente a linguagem. Dentre os poucos estudos encontrados, Paula e Borges (2018) abordam as metáforas utilizadas no livro através da definição dada por Jakobson, que as coloca entre uma das seis funções da linguagem, a função poética. Esta função vê a metáfora ainda como uma forma de uso estilístico, uma ferramenta poética para fazer o texto mais esteticamente agradável para o leitor. Além de ter uma visão sobre metáfora diferente da abordada na Teoria Contemporânea de Lakoff e Johnson (2003) e colocá-la apenas como um uso estilístico, a análise feita por Paula e Borges (2018) considera apenas o texto já traduzido para o português.

No que diz respeito à tradução do livro, encontrei apenas dois trabalhos³, um para o holandês e o outro para o espanhol. As duas pesquisas analisam a tradução do livro como um todo, e apenas uma delas comenta brevemente sobre a tradução das metáforas presentes no livro. Na análise da tradução para o espanhol, Devesa (2020) comenta sobre aspectos culturais e de estilo de escrita. Devesa chega a falar sobre a importância que certas metáforas têm no livro, mas não analisa suas traduções. A análise da tradução para o holandês feita por Romeijn (2017) ocupa-se da tradução do livro e da tradução das legendas criadas para a adaptação cinematográfica. Diferente da pesquisa sobre a tradução para o espanhol, a tradução das metáforas para o holandês é analisada, mas da perspectiva do realismo mágico.

De acordo com Romeijn (2017), o tradutor utiliza técnicas de amplificação para compensar trechos em que as metáforas com elementos personificados não puderam ser traduzidas com tanto sucesso na língua holandesa. O tradutor também utiliza outras estratégias, como mudar o tempo verbal. Mesmo que Romeijn comente sobre alguns desses aspectos da tradução de metáforas, o presente trabalho, além de dedicar-se a um par linguístico diferente, analisa as metáforas como elementos essenciais na construção da narrativa.

1.2 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Além desta introdução, o texto está organizado em outros três capítulos: II)

³ Para trabalhos com enfoque em metáforas conceituais aqui no Brasil, ver Carolina Huang (2005), Paula Malaszkiwicz (2013) e Bruna Steffen (2016), pesquisadoras da UFRGS.

um capítulo sobre a teoria de metáfora e sua tradução, III) a metodologia e análise dos dados, e, por fim, IV) a discussão e considerações finais. O segundo capítulo apresenta a seção teórica, abordando a metáfora no âmbito geral dos ET, em seguida em sua abordagem contemporânea, trazendo suas definições e particularidades, para então abordar as estratégias de tradução e sua possível aplicação na análise da tradução de metáforas conceituais.

No terceiro capítulo, abordo a metodologia e análise. Na metodologia, são apresentados os procedimentos usados na seleção dos dados, em seguida, é feita uma análise das metáforas escolhidas e identificação das estratégias de tradução (SCHMIDT, 2015) utilizadas pela tradutora.

Na discussão final, retomo alguns aspectos apresentados por Lakoff e Johnson (2003) e Schäffner (2004) sobre metáfora, comparando-os aos resultados da análise feita no capítulo anterior.

2 METÁFORA CONCEITUAL E TRADUÇÃO

Segundo Lakoff e Johnson (2003), na teoria tradicional, a metáfora é vista como uma parte da linguagem, um instrumento da poética e da retórica, presente apenas na linguagem dos poetas e utilizada como um artifício para embelezar o texto. A metáfora é vista como um ornamento, uma estratégia linguística que podemos ligar e desligar quando bem entendemos, o que presume que possamos entender e vivenciar qualquer questão sem o auxílio de metáforas. Essa visão faz uma distinção entre a linguagem figurada e a literal, sendo *literal* a linguagem utilizada diariamente, sem qualquer traço de linguagem metafórica, e a *figurada* aquela que carrega o que é chamado de expressões metafóricas na TMC.

É a partir da TMC, primeiramente introduzida em 1980 por Lakoff e Johnson (2003) que vemos essas suposições serem questionadas, mostrando a possibilidade da metáfora ser pervasiva na vida cotidiana, não apenas na linguagem, mas como parte de um sistema mais amplo que acaba por se manifestar, além da forma como agimos e pensamos, na linguagem.

A pesquisa foi primeiramente lançada em uma tentativa de mostrar como a metáfora é parte fundamental desse sistema conceitual comum, e que, embora a linguagem não seja o ponto central de manifestação da metáfora, ela pode servir como um dos meios para entender o nosso sistema conceitual. Conforme Lakoff e Johnson (2003) afirmam, a comunicação é baseada no mesmo sistema conceitual que usamos ao pensar, agir e nos relacionar com as pessoas e o mundo à nossa volta.

Diferentemente das visões mais tradicionais de metáfora, seja ela objetivista (em que o mundo existe de forma independente do homem) ou subjetivista (que vê o homem como independente do mundo, e sua verdade não sofre influência do mundo externo), Lakoff e Johnson (2003) apresentam uma visão experientialista e argumentam que a forma como entendemos o mundo é um resultado direto da nossa interação com ele, como apontam Lakoff e Turner (1989):

O sistema conceitual do homem [...] emerge da sua experiência com o próprio corpo e o ambiente físico e cultural em que vive. Tal sistema, compartilhado pelos membros de uma comunidade lingüística, contém metáforas conceituais, sistemáticas, geralmente inconscientes e altamente convencionais na língua - i.e., várias palavras e expressões idiomáticas dependem dessas metáforas para serem compreendidas (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 51 apud LIMA, 2003b, p.3).

De acordo com a TMC, o sistema conceitual humano é estruturado e definido metaforicamente e a metáfora se manifesta em expressões linguísticas apenas porque há metáforas no nosso sistema conceitual. Ao longo dos anos, a metáfora vem ganhando novos significados. Em Lakoff (1992, p.1, tradução minha), sempre que o autor se refere ao termo *metáfora* de uma perspectiva da TMC, está se referindo ao “mapeamento entre domínios no sistema conceitual”. Nesta pesquisa, usarei indiscriminadamente os termos *mapeamento conceitual* e *mapeamento metafórico*, assim como *metáfora conceitual* e *metáfora*. Quando falo de *expressão metafórica*, no entanto, referimo-me à expressão linguística licenciada por determinado mapeamento entre domínios, e não ao mapeamento em si. Para que se compreenda melhor como funciona esse sistema, Lakoff e Johnson (2003) explicam que usamos padrões de inferência de um domínio conceitual para raciocinar sobre outro, e esse fenômeno é chamado de metáfora conceitual.

Os mapeamentos conceituais geralmente aparecem na sua estrutura mnemônica, formalizados em caixa alta na forma DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE, e essa mnemônica se refere ao conjunto de correspondências que ligam DOMÍNIO FONTE e DOMÍNIO ALVO. Para que essa definição se torne mais clara, podemos utilizar o exemplo: TEMPO É DINHEIRO, em que esse mapeamento se refere ao conjunto de correspondências conceituais que ligam TEMPO e DINHEIRO. Esse nome serve apenas para se referir ao conjunto de correspondências que ligam um mapeamento. Alguns exemplos de expressões metafóricas decorrentes do mapeamento TEMPO É DINHEIRO seriam: “*Isso vai poupar seu tempo.*” e “*Eu investi muito tempo nisso.*” (LAKOFF, 1992, n.p., tradução minha). É a partir do mapeamento que tornamos possível a compreensão de uma coisa em termos de outra, mas este é moldado e restringido por nossas experiências corpóreas e pelas correlações que fazemos a partir delas.

Em cada cultura, podem existir mapeamentos metafóricos diferentes, e o que eles significam dependerá de como determinada cultura interage com o mundo e como vê o próprio corpo com relação ao espaço físico e cultural em que vive, embora, conforme Lakoff (1992) argumenta, alguns outros mapeamentos possam ser universais ou mesmo generalizados. Um exemplo de mapeamentos universais é o das metáforas primárias. De acordo com recentes pesquisas, descobriu-se que a maioria delas é aprendida por nós inconscientemente e de forma automática ainda na infância, como é o caso da metáfora AFEIÇÃO É CALOR. Lakoff e Johnson

(2003) argumentam que adquirimos essa metáfora durante nossas primeiras experiências com afeição, pois estas correspondem ao ato físico de se sentir aquecido quando somos segurados por um familiar. Algumas expressões metafóricas resultantes desse mapeamento são “Ele é uma pessoa calorosa” ou “ela é uma pedra de gelo” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 256, tradução minha). Metáforas como essa são consideradas universais pois utilizam elementos universais da experiência humana, são baseadas na nossa experiência física com o mundo e seriam independentes de qualquer influência cultural. As metáforas complexas, por outro lado, são aquelas compostas de metáforas primárias e têm base cultural e podem variar significativamente de uma cultura para outra, o que pode resultar em diferentes tipos de metáforas compostas em cada língua (LAKOFF; JOHNSON, 2003; LIMA, 2003b).

A metáfora então é parte essencial no sistema conceitual humano, e é a partir dela que podemos compreender um domínio mental em termos de outro, e as metáforas são as relações estáveis e sistemáticas que relacionam um domínio alvo e um domínio fonte (LAKOFF, 1992; LAKOFF; JOHNSON, 2003). Para os autores, é importante que se entenda que esse sistema de metáfora conceitual convencional é principalmente inconsciente e automático, um sistema vivo assim como a linguagem é viva, sempre em uso, e nós fazemos as conexões que fazemos porque temos um corpo que interage no mundo da forma como ele interage, sem um esforço notável de nossa parte, e é esse mesmo sistema que governa o nosso sistema linguístico e o resto de nosso sistema conceitual.

Para Lakoff (1992), além das *metáforas orientacionais*, que organizam todo um sistema de conceitos de acordo com um outro, em termos de orientação espacial, por exemplo: cima-baixo, dentro-fora, frente-atrás também temos as *metáforas ontológicas*, que usamos para entender e delinear parte de nossas experiências como entidades (objetos) e substâncias.

As metáforas orientacionais (também chamadas de metáforas de espacialização) são aquelas que se originam da nossa consciência do espaço ao nosso redor e do espaço que ocupamos, a maioria se baseia na orientação espacial humana e na nossa experiência física e cultural. Embora essa orientação espacial seja proveniente do fato de termos corpos como o que temos, interagindo no nosso ambiente físico da forma em que interagimos, essas experiências físicas não são

inerentes ao tipo de corpo que temos, já que elas envolvem certos pressupostos culturais, podendo variar de cultura para cultura.

Neste tipo de metáfora, todo um sistema de conceitos estrutura outro, utilizando de nosso conhecimento físico para dar a um conceito uma orientação espacial. Por exemplo, FELICIDADE É PARA CIMA, que resulta em expressões como: “estou me sentindo *pra cima* hoje”, “estou me sentindo *pra baixo*”, “eu *caí* em depressão”, “meu espírito *afundou*” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 15, tradução minha, grifos do autor). Esses exemplos tomam da nossa base física a noção de que quando estamos tristes, nossa postura se inclina para baixo, e que tomamos de uma postura mais ereta para representar um estado emocional mais positivo. Tais orientações se baseiam na nossa experiência cultural e física, embora as posições cima-baixo, dentro-fora etc. sejam físicas por natureza, as metáforas orientacionais que as tomam por base podem variar culturalmente.

As metáforas ontológicas são originadas a partir das nossas experiências com objetos e substâncias físicas, e é através delas que podemos entender conceitos como eventos, emoções e ideias. Com a ajuda das metáforas ontológicas, podemos compreender essas experiências como algo mais claramente delineado, entidades distintas, mesmo que estas não o sejam, de fato. Vê-las dessa forma nos ajuda a compreender racionalmente, delinear partes das nossas experiências e a satisfazer certos propósitos, como referenciar uma esquina, localizar uma montanha, categorizar, agrupar ou quantificar nossas experiências.

Um exemplo que os autores dão de como usamos uma metáfora ontológica para nos referir a uma experiência é o aumento de preços, que, segundo eles, pode ser visto como uma entidade através do substantivo *inflação*. Por exemplo: A INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE, que resulta em expressões como: “A inflação está *diminuindo* os nossos padrões de vida.”, “Se houver muito *mais inflação*, nunca iremos sobreviver.”, “Nós precisamos *combater a inflação*.”, “Comprar terras é a melhor forma de *lidar com a inflação*.”, “A *inflação me deixa doente*.” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 26, grifo do autor, tradução minha).

De acordo com os autores, ver a inflação como uma entidade nos possibilita compreender um pouco melhor essa experiência, pois assim podemos nos referir a ela, quantificá-la, identificar um aspecto específico dela, vê-la como uma causa, agir em relação a ela. Além dessas definições, Lakoff e Johnson (2003) classificam também a personificação como uma metáfora ontológica, na qual percebemos um

objeto físico como sendo uma pessoa. É geralmente usada, segundo eles, para compreender experiências com entidades não humanas em termos de motivação, características e atividades humanas. Exemplos dados pelos autores de expressões metafóricas em que ocorre personificação seriam: "Este fato argumenta contra as teorias padrão", "A vida me enganou", "a inflação está consumindo nossos lucros"(LAKOFF E JOHNSON, 2003, p.33 tradução minha). A metonímia, por outro lado, não vê objetos com características humanas, mas usa uma expressão para se referir a outra relacionada a esta. Exemplos seriam: "O Acrílico tomou conta do mundo da arte" (se referindo ao uso de tinta acrílica), "O Times ainda não chegou na conferência de imprensa" (se referindo ao repórter do Times), "A Sra. Grundy desaprova o jeans" (se referindo ao uso de jeans). Lakoff e Johnson (2003) consideram a metáfora e a metonímia como diferentes tipos de processos, em que a função primária da metáfora é a compreensão, enquanto a da metonímia é principalmente referencial. No entanto, os autores as consideram similares, pois a metonímia pode servir alguns propósitos similares aos da metáfora, como a compreensão, embora a metonímia nos permita focar mais especificamente em certos aspectos do que está sendo referido. Além disso, os autores argumentam que conceitos metonímicos também são similares por fazerem parte da forma como pensamos, agimos e falamos cotidianamente, assim como a metáfora.

Como vimos, a metáfora é parte fundamental na nossa vida cotidiana, influenciando a forma como agimos, pensamos, nos relacionamos com as pessoas e o mundo, fazendo com que a linguagem seja apenas uma dentre uma variedade de manifestações. Um exemplo que os autores dão para essa manifestação seria o da metáfora conceitual DISCUSSÃO É GUERRA, em que esta se reflete tanto na nossa língua cotidiana como na forma em que entendemos discussões e como agimos quanto a elas. Exemplos de expressões originadas desta metáfora seriam: "Ele atacou todos os pontos fracos do meu argumento", "Suas críticas acertaram no alvo" e "Nunca venci uma discussão com ele" (LAKOFF E JOHNSON, 2003, p. 4, tradução minha). Esses exemplos mostram que mesmo que não haja uma guerra física, ainda compreendemos uma discussão como uma batalha verbal, e a forma como agimos (atacar, defender, contra-atacar) são uma representação clara de como a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA estrutura a nossa conceptualização acerca de discussões.

Lakoff e Johnson (2003) argumentam ainda que esta é a forma com que falamos e pensamos no cotidiano sobre discussões e que a forma convencional com que falamos sobre discussões indica que raramente a usamos de forma consciente, pois permeia não só a linguagem, mas na nossa própria conceptualização do que é uma discussão. Nas palavras dos autores, "falamos de discussões dessa maneira porque os concebemos assim, e agimos de acordo com a maneira em que concebemos as coisas" (LAKOFF E JOHNSON, 2003, p. 5, tradução minha).

É natural, então, que, ao compreendermos um pouco mais sobre esse sistema, passemos a nos perguntar como esses novos questionamentos podem se comportar nas mais diversas áreas, como a dos ET. É com esse intuito de compreender como a metáfora conceitual vem sendo traduzida que proponho uma análise das estratégias de tradução para verificar se algumas das estratégias apresentadas em Schmidt (2015), voltadas para a tradução de metáforas conceituais, foram utilizadas pela tradutora.

Para a análise, foram selecionados exemplos do TP com expressões metafóricas relacionadas a cores e alimentos, por serem recorrentes no livro. Tal escolha resultou na análise de metáforas ontológicas apenas, deixando para uma possibilidade futura a análise de outras expressões licenciadas por metáforas orientacionais, além de personificação e metonímia, também identificadas no TP.

O quadro 1 mostra alguns exemplos do que são os mapeamentos conceituais e as expressões metafóricas licenciadas pelos mesmos:

Quadro 1 – Exemplos de Mapeamentos Conceituais

Mapeamento conceitual:	Exemplos de expressões metafóricas: (ZUSAK, 2010)	Mais exemplos: (LIMA, 2003a, n.p)
-------------------------------	--	--

(i) DIFICULDADES SÃO PESOS (LIMA, 2003a)	(i) Sua roupa parecia vergå-lo com o peso e seu cansaço era tamanho, que uma coceira poderia parti-lo ao meio. p.167 ⁴	(i) Este ano vai ser muito pesado ; Tudo isso tem sido um fardo na minha vida.
(ii) DESEJAR É TER FOME (LIMA, 2003a)	(ii) “Estudei o céu ofuscante, branco feito neve, que estava na janela do trem em movimento. Praticamente o inalei , mas, mesmo assim, titubeei.” p.14 ⁵	(ii) Ele tem fome de reconhecimento; Ela tem sede de poder.
(iii) AFEIÇÃO É CALOR (LIMA, 2003a)	(iii) “Liesel observou a estranheza dos olhos de seu pai de criação. Eram feitos de bondade e prata. Como prata mole, derretida. ” p.34	(iii) Ela é uma pessoa calorosa ; Nosso amor ainda é muito quente .

Fonte: LIMA, 2003a; ZUSAK, 2010, grifo nosso.

2.1 ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO

Ao lidarmos com a tradução, é natural que encontremos variados problemas, sejam eles de adaptação de conceitos culturalmente delineados ou de diferenças gramaticais entre os pares de línguas, dentre muitos outros, e nesta perspectiva o tradutor é, então, aquele responsável por mediar esses problemas no texto. De acordo com Chesterman, “tradutores são [...] pessoas que se especializam em solucionar tipos específicos de problemas de comunicação” (1997, p.87, tradução minha). A forma como esses problemas são solucionados vai depender de cada tradutor, de suas visões sobre o que são considerados problemas e das maneiras que ele encontra para contornar cada obstáculo com o qual se depara entre as línguas. O autor coloca as estratégias como a forma em que tradutores procuram se conformar às normas, não com o intuito de alcançar equivalência, mas simplesmente para que se chegue a uma versão que considerem ser a mais adequada. O próprio Chesterman apresenta um modelo de estratégias de tradução bastante abrangente, porém, selecionei o modelo de Schmidt (2015) por apresentar estratégias voltadas especificamente à tradução de metáforas. O autor aplica a TMC à pesquisa interlinguística e à pesquisa de tradução, buscando elementos em modelos de estratégias de tradução de outros autores (TOURY, 1995; KÖVECSES, 2003, 2005), para propor uma que se encaixe na TMC, visto que, segundo o autor,

⁴ (i) “His clothes seemed to weigh him down, and his tiredness was such that an itch could break him in two.” (ZUSAK, 206, p.185)

⁵ (ii) “I studied the blinding, white-snow sky who stood at the window of the moving train. I practically inhaled it, but still, I wavered.” (ZUSAK, 2016, p.7)

Toury (1995) não faz uma distinção clara entre MC e expressão linguística metafórica em um de seus procedimentos.

Enquanto Schmidt (2015) utiliza a nomenclatura *procedimentos* para se referir às soluções de tradução propostas em sua tipologia, optei por continuar utilizando o termo *estratégias* usado por Chesterman (1997). Schmidt (2015) argumenta em favor da pesquisa de tradução de metáfora, mostrando pontos em favor da aplicação de uma tipologia como a apresentada por ele em práticas de treinamento. Alguns exemplos são a criação de listas de controle para que tradutores em treinamento testem cada estratégia, na análise de traduções já existentes, para treinar a tradução de expressões metafóricas de forma diferente, além de poderem ser usadas como uma ferramenta de análise para estudiosos da área dos ET. Conforme o autor comenta, no entanto, essas estratégias não servem como um critério para decidir a qualidade de uma tradução, mas podem nos dar uma base de referência e uma metalinguagem para que se fale destas estratégias.

O autor discute ainda questões importantes para a área, como o conceito de convencionalidade, em que o tradutor muitas vezes opta por traduções que são mais convencionais na língua de chegada, já que essa pode ser mais facilmente compreendida pelos leitores. Por outro lado, uma tradução mais próxima à língua de partida pode ser menos convencional na língua de chegada e dificultar a compreensão. Schmidt (2015) aborda também pesquisas feitas por outros autores (Stienstra, 1993; Mandelblit, 1995; Schäffner, 1997, 1998, 2004; Cristofoli et al. 1998; Ahrens, Say, 1999; Al-Harrasi, 2000; Al-Hasnawi, 2007; Crerar-Bromelow, 2008; Omazić et al. 2009) e argumenta que, embora muitas dessas questões mais relevantes para a tradução de metáfora já tenham sido levantadas, nenhuma das pesquisas anteriores conseguiu oferecer uma tipologia de estratégias usadas na tradução desses elementos que fosse sistemática, o que o leva a introduzir uma tipologia de classificação resultante de pesquisas testadas anteriormente em Schmidt (2012, 2014) em um *corpus* de tradução literária e de legendagem para filmes.

O Quadro 2 mostra a tipologia e alguns exemplos apresentados por Schmidt (2015). Vale destacar que Tipo 6 ($\emptyset \rightarrow m$) não foi incluído neste quadro, pois o autor não encontrou exemplos que se encaixem nessa estratégia, mas optou por mantê-la na tipologia para que haja completude nos procedimentos. Esse procedimento implica o aparecimento de uma expressão metafórica no TC que não é relacionada a

nada no TP. Optei por retratá-la aqui pelo mesmo motivo, embora esta também não apareça na minha análise por se tratar de uma análise com enfoque no TC:

Quadro 2 – Procedimentos de Tradução

		Exemplos ⁶	
Tipo	Definição	L1	L2
1a: m → m	as expressões metafóricas no TP e TC são as mesmas, pertencem ao mesmo MC e tem o mesmo sentido	Você não sabe pelo que eu passei na vida. ⁷	Você não tem ideia do que eu passei na minha vida
1b: m → m'	as expressões metafóricas são diferentes, mas pertencem à mesma MC e possuem sentido similar	Que o diabo o leve embora , Luka.	Vai pro inferno , Luka!
2: m → m1	as expressões metafóricas são diferentes e pertencem a diferentes MCs, mas possuem sentido similar	Me diga se serei seu .	Me diga, você sempre segurará minha mão .
3: m → non-m	traduz uma expressão metafórica do TP por uma expressão não-metafórica, mas com sentido similar no TC	[está] tudo de cabeça para baixo/revertido/invertido/do lado errado.	[Isso] é tudo muito errado!
4: m → ∅:	omitir (excluir) no TC uma expressão metafórica do TP	Em cima no céu a lua [é] jovem .	a lua está alta.
5: non-m → m:	traduz-se uma expressão não-metafórica no TP por uma expressão metafórica no TC de sentido similar	eu soube/ouvi que [sua] irmã começou a falar.	eu soube/ouvi que sua irmã quebrou o silêncio [dela].

Fonte: SCHMIDT, 2015, tradução minha, grifo do autor.

Embora eu traga no presente trabalho a classificação completa de Schmidt (2015), algumas das estratégias consideradas pelo autor, não aparecem durante a análise, já que busquei por expressões metafóricas partindo do TP somente. Tais estratégias são a de tipo 5: non-m → m e do tipo 6: ∅ → m. As demais estratégias serão definidas mais pontualmente na seção da análise.

⁶ Os exemplos são apresentados em Schmidt (2015). Os exemplos da L1 foram transcritos diretamente de diálogos falados, e por isso o autor não focou na ortografia e pontuação.

⁷ Todos os exemplos na L1 (croata) foram traduzidos literalmente por Schmidt (2015) para o inglês e então retraduzidos por mim para o português, juntamente dos exemplos da L2, que traduzi o mais literalmente possível do inglês para o português.

Segundo o autor, essa tipologia pode ser aplicada à análise de qualquer gênero textual, o que permite tanto uma análise qualitativa, para que se observe quais estratégias foram usadas na tradução de expressões metafóricas, quanto quantitativa, para fazer um levantamento da proporção de estratégias usadas. Além disso, o autor ainda propõe que se pode tentar verificar a motivação no uso de uma estratégia em detrimento de outra, a convencionalidade de expressões na língua alvo, restrições tanto temporais quanto espaciais no caso da tradução audiovisual, e o efeito obtido ao se utilizar determinada estratégia, dentre outros aspectos.

Schmidt (2015) defende que, além da possibilidade de se usar essa tipologia em qualquer gênero textual, ela ainda pode ser aplicada a qualquer língua e cenário cultural, o que pode ser eficiente para um tradutor em treinamento. Ainda com base nesses estudos de 2012 e 2014, o autor pôde perceber que a maioria das estratégias são distribuídas proporcionalmente, e que enquanto a maioria das metáforas se mantém no TC, algumas são parafraseadas, e a proporção de expressões omitidas no TC (menos de 1%) mostra que essa estratégia é menos comum. No capítulo final, discutirei mais sobre esses resultados e irei compará-los com os obtidos por mim na seção de análise.

Quando confrontado com as possíveis motivações que podem levar a essas escolhas, Schmidt (2015) chega à conclusão de que estas são muito complexas, tendo razões tanto objetivas (como convencionalidade da metáfora) quanto subjetivas (desde ser direcionada pelo TP ou pelo leitor do TC até elementos de estilo, como implicação), e que o fator de universalidade (se a metáfora é ou não compartilhada entre o TP e o TC) é importante na escolha de estratégias.

Para Schäffner (2004), a partir de uma perspectiva cognitiva, *traduzibilidade* não está apenas ligada à questão de se é possível ou não traduzir uma expressão metafórica individualmente, mas sim sua tradução como parte dos sistemas conceituais que fazem parte da cultura de chegada e de partida. A partir disso, uma análise cognitiva objetiva encontrar as estruturas na língua de chegada que correspondem às expressões metafóricas na língua de partida, e sua análise se dá baseada no texto como um todo e sua relevância dentro da cultura, buscando identificar quais são os mapeamentos conceituais que sancionam as expressões usadas no TP para então verificar se o mesmo mapeamento está ligado à expressão utilizada no TC, mesmo que a expressão em si não seja a mesma nas duas línguas. Essas expressões passam a ser vistas “à luz do conceito metafórico do qual elas

são manifestações, e não como expressões idiomáticas individuais a serem encaixadas no texto de chegada da melhor forma possível.” (STIENSTRA, 1993 apud SCHÄFFNER, 2004, p. 1259, tradução minha). Um exemplo de tal ocorrência é a expressão “matar dois coelhos com uma cajadada só”, que em inglês utiliza *two birds* (dois pássaros) em vez de coelhos, e *stone* (pedra) ao invés de cajado, gerando uma expressão metafórica diferente mas que remete ao mesmo mapeamento conceitual.

De acordo com Schäffner (2004, p. 1261, tradução minha), na abordagem cognitiva “nem todas as manifestações individuais de uma metáfora conceitual em um TP são contabilizadas no TC usando a mesma expressão metafórica”, o que antes não era levado em consideração ao se analisar traduções e muitas vezes resultava em expressões metafóricas sendo marcadas em análises de traduções como “apagadas” ao chegar no TC, quando o que ocorria era a escolha por uma expressão metafórica diferente mas que é regulada, ainda, pelo mesmo sistema conceitual do TP.

Schäffner (2004) ressalta que é importante colocar o texto dentro de seu contexto histórico, considerando sua função e público alvo, dentre outros fatores, quando analisando a tradução de metáforas conceituais. A partir dessa afirmação, podemos concluir que só então poderemos compreender o significado da expressão metafórica no TP, além de poder verificar se o tradutor seguiu o mesmo mapeamento metafórico no TC. A metáfora, então, deixa de ser vista meramente como um fenômeno tradutório de um texto em particular e passa a ser um fenômeno intertextual, do qual se buscam os componentes que estruturam a base do esquema conceitual no TP, substituindo-os no TC por expressões que tornem explícitas suas implicações e inferências. Com uma visão mais focada na manifestação intertextual da metáfora, Schäffner (2004) levanta a suposição de que se possam encontrar diferenças culturais na estrutura conceitual ao se analisar textos com metáforas e processos de raciocínio metafóricos.

Quando se trata de particularidades culturais, a autora acredita que uma visão cognitiva da metáfora pode trazer novas perspectivas para os ET e aponta como Stienstra (1993 apud SCHÄFFNER, 2004) faz uma diferenciação entre i) metáforas universais, ii) metáforas culturais que se sobrepõem e iii) metáforas que são específicas de uma única cultura, além de evidenciar que grande parte das experiências humanas são universais, ou ao menos compartilhadas entre diversas

culturas, o que mostraria então que o que é dependente da cultura é a realização linguística da metáfora conceitual e não a metáfora conceitual em si.

Segundo Schäffner (2004), não há muita informação sobre a universalidade das metáforas, já que se trata de uma área relativamente nova. Nesse sentido, a análise de traduções pode servir para que se entenda mais sobre isso. De acordo com as análises da própria autora, algumas de suas descobertas foram que metáforas conceituais podem ser específicas de uma cultura em um nível mais específico, mas compartilhadas entre culturas ou até mesmo universais no nível mais abstrato. Para explicitar essa ideia, a autora traz um exemplo em que tanto a expressão metafórica *telhado* quanto *guarda-chuva* são usadas para representar uma metáfora conceitual mais geral ESTAR PROTEGIDO É ESTAR SOB UMA COBERTURA (SCHÄFFNER, 2004, p.1265, tradução minha). Mesmo em casos em que se muda algum aspecto na expressão metafórica, como é o caso do exemplo utilizado anteriormente, em que *dois coelhos* e *cajadada* se tornam *dois pássaros* e *com uma pedra* em inglês, ainda pode-se considerar que estas são reguladas por uma metáfora conceitual mais abstrata. No entanto, tais afirmações são baseadas nos poucos exemplos analisados pela autora, o que é uma quantidade muito pequena para que se faça inferências mais assertivas. Por essa razão, acredito ser necessário que haja mais análises de traduções de textos com metáforas conceituais nos mais diversos pares de língua e gêneros literários, a fim de verificar se os casos encontrados em uma análise podem corresponder aos casos encontrados na análise de outras traduções.

É importante que se especifique que muitas das mudanças e padrões só foram encontrados quando o TP e o TC foram colocados em contraste, dentro de seus devidos contextos e propósitos, e que, a partir desse tipo de análise, Schäffner pôde concluir quais casos realmente pareciam se tratar de erros de tradução e quais eram mudanças causadas intencionalmente para compreender a cultura de chegada e o propósito do TC. A visão cognitiva sobre metáfora, segundo a autora, poderia trazer novas perspectivas para os Estudos de Tradução, o que sugere que a validade das estratégias de tradução utilizadas na literatura tradicional precisaria ser re-avaliada em sua eficácia para tratar da tradução de metáforas conceituais (SCHÄFFNER, 2004).

3 ANÁLISE E RESULTADOS

Os exemplos foram distribuídos em quatro quadros diferentes, cada um foi separado com base no mapeamento metafórico em comum que licencia as expressões metafóricas identificadas nos exemplos, os quais denominei baseando-me nos exemplos oferecidos por Lakoff e Johnson (2003), tomando a liberdade de ajustá-los conforme as correspondências por mim encontradas. São eles 3) PESSOAS SÃO ALIMENTOS; 4) PESSOAS SÃO CORES; 5) A COR DO CÉU É UM ALIMENTO; e 6) O CÉU É UMA ENTIDADE. Cada quadro possui quatro colunas que identificam: i) o mapeamento conceitual; ii) as expressões metafóricas que foram identificadas no TP; iii) os trechos correspondentes no TC; e iv) as estratégias de tradução identificadas em cada exemplo, segundo a tipologia oferecida em Schmidt (2015).

Segue, abaixo, a análise dos exemplos selecionados:

Quadro 3 – Análise do Mapeamento 1

Metáfora Conceitual	TP	TC	Estratégia de Tradução
Metáfora conceitual: PESSOAS SÃO ALIMENTOS	(i) "Some of it is missing." Mama counted the money a fourth time, with Liesel over at the stove. It was warm there and it cooked the fast flow of her blood. p.98	(i) "—Está faltando um pouco — disse a mãe, contando o dinheiro pela quarta vez, com Liesel parada junto ao fogão. Estava quentinho ali, e cozinhava o fluxo acelerado de seu sangue." p.90	(i) Tipo 1a: m → m
	(ii) At least one of them had to be a bad egg . p.58	(ii) "Pelo menos um tinha que ser a maçã podre ". p.55	(ii) Tipo 1b: m → m'
	(iii) They just kept feeding me. Minute after minute. Shower after shower." p. 349	(iii) " E continuavam a me alimentar. Minuto após minuto. Chuveiro após chuveiro." p.305	(iii) Tipo 1a: m → m

Fonte: SCHMIDT, 2015, ZUSAK 2016; 2010, grifo nosso.

3) PESSOAS SÃO ALIMENTOS: No exemplo (i) a tradutora manteve uma expressão metafórica que faz parte da mesma MC, sem haver mudança de sentido, utilizando então a estratégia de tipo 1a. O exemplo (ii) traz expressões metafóricas diferentes mas que pertencem à mesma MC, trazendo um sentido similar e que se adequa à cultura do TC. O exemplo (iii) se passa em um momento da narrativa em que a morte fala sobre as consequências da Segunda Guerra, tratando as pessoas mortas como um alimento que é oferecido à ela. Nesta metáfora, a tradutora também preserva

a mesma expressão metafórica dentro da mesma MC, utilizando a estratégia de tipo 1a.

Quadro 4 - Análise do Mapeamento 2

Metáfora Conceitual	TP	TC	Estratégia de Tradução
Metáfora conceitual: PESSOAS SÃO CORES	(i) "A color will be perched on my shoulder." p.4	(i) "Haverá uma cor pousada em meu ombro." p.10	(i) Tipo 1a: m → m
	(ii) "When I recollect her, I see a long list of colors, but it's the three in which I saw her in the flesh that resonate the most." p.14	(ii) "Quando me lembro dela, vejo uma longa lista de cores, mas são as cores em que a vi em carne e osso que tem mais ressonância." p.18	(ii) Tipo 1a: m → m
	(iii) "For me, the sky was the color of Jews." p.349	(iii) "Para mim, o céu era da cor dos judeus." p.305	(iii) Tipo 1a: m → m

Fonte: SCHMIDT, 2015, ZUSAK 2016; 2010, grifo nosso.

4) PESSOAS SÃO CORES: Os exemplos (i), (ii), e (iii) mostram a mesma estratégia sendo utilizada para as metáforas, que é a de uma tradução praticamente literal, já que as expressões foram mantidas, todas pertencem a mesma MC e têm um sentido similar ao do TP.

Quadro 5 – Análise do Mapeamento 3

Metáfora Conceitual	TP	TC	Estratégia de Tradução
Metáfora conceitual: A COR DO CÉU É UM ALIMENTO	(i) "I do, however, try to enjoy every color I see—the whole spectrum. A billion or so flavors , none of them quite the same, and a sky to slowly suck on. " p.4	(i) "Mas procuro gostar de todas as cores que vejo— o espectro inteiro. Um bilhão de sabores , mais ou menos, nenhum deles exatamente igual, e um céu para chupar devagarinho. " p.10	(i) Tipo 1a: m → m
	(ii) "The last time I saw her was red. The sky was like soup, boiling and stirring. In some places, it was burned. There were black crumbs, and pepper, streaked across the redness. " p.12	(ii) Na última vez que a vi, estava vermelho. O céu parecia uma sopa, borbulhando e se mexendo. Queimado em alguns lugares. Havia migalhas pretas e pimenta riscando a vermelhidão p.17	(ii) Tipo 1a: m → m
	(iii) Yes, the sky was now a devastating, home-cooked red. p.13	(iii) "Sim, agora o céu era de um vermelho devastador, desses feitos em casa. " p.17	(iii) Tipo 2: m → m1

	(iv) "The horizon was the color of milk. Cold and fresh. Poured out among the bodies." p.175	(iv) "O horizonte estava cor de leite. Frio e fresco. Derramado entre os corpos." p. 159	(iv) Tipo 1a: m → m
--	--	---	---------------------

Fonte: SCHMIDT, 2015, ZUSAK 2016; 2010, grifo nosso.

5) A COR DO CÉU É UM ALIMENTO: Percebe-se aqui que a maioria das MC são preservadas, mantendo-se um sentido próximo ao do TP, como é o caso dos exemplos (i), (ii) e (iv). O exemplo (iii), no entanto, mostra uma estratégia menos comum nos exemplos anteriores, a de tipo 2, pois utiliza expressões diferentes e pertencentes a MCs diferentes, em que a tradutora opta por uma expressão metafórica mais genérica. Embora no português haja expressões para comida caseira, ao utilizar a expressão mais ampla, a referência ao alimento se perde, pelo menos em parte, e novas correlações surgem através da expressão *feita em casa*. Embora as MCs sejam diferentes e resultem em diferentes expressões metafóricas, a tradutora optou por uma tradução que mantivesse um sentido similar a algo caseiro.

Quadro 6 – Análise do Mapeamento 4

Metáfora conceitual: O CÉU É UMA ENTIDADE	(i) The question is, what color will everything be at that moment when I come for you? What will the sky be saying? p.4	(i) "A pergunta é: qual será a cor de tudo nesse momento em que eu chegar para buscar você? Que dirá o céu? " p.10	(i) Tipo 1a: m → m
	(ii) "[...]as the graying light arm-wrestled the sky." p.11	(ii) "...enquanto a luz mais cinzenta fazia uma queda-de-braço no céu." p.16	(ii) Tipo 1a: m → m
	(iii) Papa's lungs were full of sky. p. 437	(iii) Os pulmões de papai estavam repletos de céu. p.377	(iii) Tipo 1a: m → m
	(iv) Waiting for his moment, he paced around, gathering concentration under the darkness sky, with the moon and the clouds watching, tightly. p.57	(iv) À espera de seu momento, andou de um lado para outro, reunindo a concentração sob o céu de trevas, com a Lua e as nuvens vigiando, tensas. p.54	(iv) Tipo 1a: m → m

Fonte: SCHMIDT, 2015, ZUSAK 2016; 2010, grifo nosso.

6) O CÉU É UMA ENTIDADE: Nesta metáfora, o céu é capaz de atos como *falar* ou ter uma *queda-de-braço*. Além disso, ela é usada para representar tanto as pessoas vivas quanto as mortas. No exemplo (iii), quando o autor fala do céu, está remetendo às muitas mortes que o personagem presenciou ao trabalhar em uma equipe de resgate durante a II Guerra Mundial. A morte, que é a narradora da história, sempre nota a cor

do céu quando aparece para coletar uma alma, relacionando assim as cores com o falecimento de alguém e a chegada da morte. Quanto às estratégias utilizadas, todos os exemplos mostram que a tradutora manteve no TC a mesma MC com um sentido similar ao do TP.

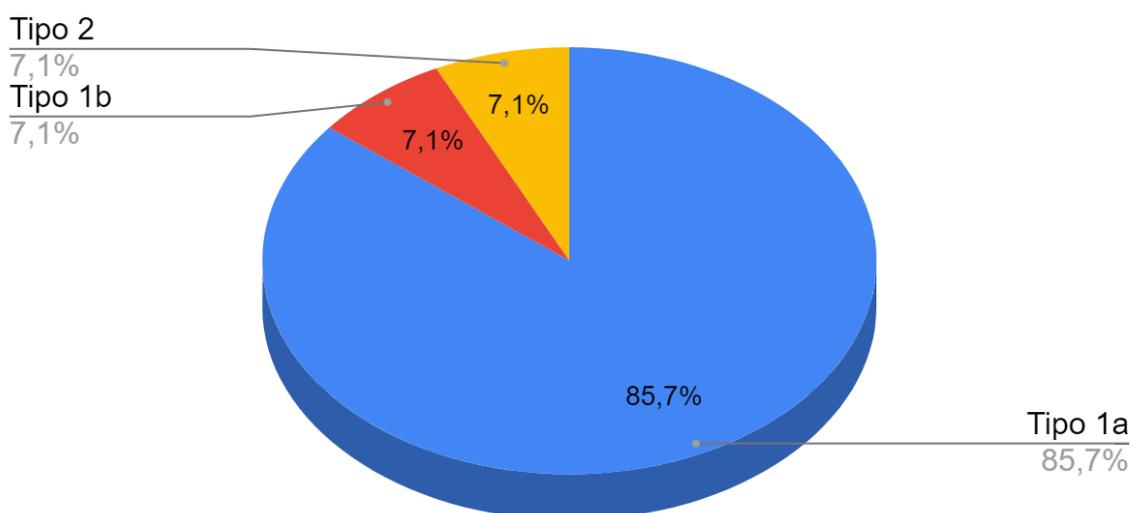
4 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao comparar os resultados aqui alcançados com aqueles apresentados por Schmidt (2015), que aponta uma distribuição similar entre os principais tipos (tipos 1, 2, 3 e 4), mas desigual nos subtipos 1a e 1b, nota-se que o mesmo não ocorreu na minha análise, em que as estratégias de tipo 1 prevalecem em grande maioria. Vale destacar, porém, que para a presente análise apenas 14 ocorrências foram analisadas, ao passo que Schmidt utiliza um *corpus* bem maior (três traduções de um livro inteiro). Também é importante pensar que o par linguístico talvez tenha influenciado esse resultado. Em seu estudo, Schmidt (2015) aponta que a maior parte das metáforas foram preservadas, sendo 70% do tipo 1a e 5% do tipo 1b, e algumas das metáforas foram parafraseadas, resultando em 15% de estratégias do tipo 2. Encontrei um resultado similar na minha análise na estratégia de tipo 1a, aparecendo em 12 ocorrências (85,71%), ao passo que a de tipo 1b, assim como a de tipo 2, foram utilizadas em 1 ocorrência cada (7,14%). Em relação às omissões, de maneira similar aos resultados de Schmidt, em que ocorrem <1%, aqui não houve nenhuma ocorrência.

A figura 7 mostra os resultados das estratégias utilizadas pela tradutora do livro de Zusak.

Figura 7 — Resultados da Análise.

Resultados obtidos



Fonte: elaboração da autora

Schäffner (2004) argumenta que quando ambas as línguas compartilham elementos culturais, como é o caso do português e do inglês já que ambas fazem parte de culturas ocidentais, isso pode resultar em um número maior de metáforas compartilhadas. Dado o número de vezes em que a estratégia de Tipo 1a apareceu entre as estratégias usadas (85,71%), vê-se que as línguas analisadas compartilham uma quantidade relevante de metáforas conceituais, mesmo quando estas utilizam diferentes expressões metafóricas. No que diz respeito à universalidade das metáforas escolhidas, foi visto aqui que do ponto de vista de Stienstra (1993 apud SCHÄFFNER, 2004), são as realizações linguísticas, ou seja, as expressões metafóricas da metáfora conceitual, que geralmente diferem entre duas culturas. De acordo com o que encontrei na análise dos exemplos, enquanto a maioria deles foi traduzido sem haver alterações significativas, nos casos em que houve mudanças, em sua maioria, foram utilizadas diferentes expressões metafóricas. Esse resultado pode indicar que as metáforas presentes nos exemplos são compartilhadas entre o TP e o TC, mesmo que suas realizações linguísticas difiram, o que pode ser um resultado das duas línguas compartilharem de culturas muito próximas e ter uma origem etimológica compartilhada. Nos casos em que houve mudanças nas expressões metafóricas e nos mapeamentos — naquelas que viam tanto pessoas (quadro 3) quanto a cor do céu (quadro 5) em termos de alimentos no livro, as metáforas foram traduzidas por expressões similares, porém mais generalizadas.

Por conta da minha decisão em limitar quais mapeamentos encontrados no TP seriam analisados, isso resultou numa limitação do tipo de metáforas a ser analisadas, porém é imprescindível comentar que o livro de Markus Zusak possui ainda muitas outras expressões metafóricas que podem ser analisadas futuramente, resultantes de metáforas tanto ontológicas quanto orientacionais e, além disso, o aparecimento de personificação e a metonímia também são elementos constantes na narrativa.

Outra possibilidade para futuras análises seria fazer uma busca no livro partindo-se da tradução para verificar se há também ocorrências das estratégias de tipo 5 e 6 de Schmidt (2015), visto que essas dão conta da aparição de mapeamentos conceituais em trechos que não continham metáfora no TP ou que não condizem com nenhuma outra correspondência no TP.

REFERÊNCIAS

- ARROJO, R. A Tradução Como Paradigma dos Intercâmbios Intralinguísticos. **Alfa Revista de Linguística**, São Paulo, v. 36, p. 67–80, 1992.
- CHESTERMAN, A. **Memes of Translation: The spread of ideas in translation theory**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1997. v. 22
- DEVESA, R. N. **Comparative Analysis of the Translation of Markus Zusak's The Book Thief**. 2020. 33 f. - Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2020. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/record/231973>. Acesso em: 24 nov. 2020.
- HUANG, C. **A metáfora no texto científico de medicina: um estudo terminológico da linguagem sobre aids**. 2005. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5746>. Acesso em: 25 nov. 2021.
- LAKOFF, G. The Contemporary Theory of Metaphor. **Metaphor and Thought**, [s. l.], n. 2, p. 202–251, 1992.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. 2. ed. London: The University of Chicago Press, 2003.
- LIMA, P. L. C. A Nova Tipologia da Metáfora Conceitual. **Revista de Humanidades e Ciências Sociais da Uece**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 17–26, 2003a.
- LIMA, P. L. C. Metáfora e Linguagem. In: FELTES, H. P. de M. (org.). **Produção de Sentido: Estudos Transdisciplinares**. 1. ed. São Paulo, Porto Alegre, Caxias do Sul: Annablume, Nova Prova, Educs, 2003b. p. 155–180.
- MALASZKIEWICZ, P. F. **Conceptualização metafórica da anatomia em português: artérias, veias e nervos**. 2013. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/81367>. Acesso em: 25 nov. 2021.
- PAULA, A. C. de; BORGES, L. A. S. A Sedução da Linguagem Poética no Romance “A Menina que Roubava Livros”. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, [s. l.], v. 11, n. 1, p. 162–176, 2018.
- PYM, A. **Explorando teorias da tradução**. Tradução de Rodrigo B. de Faveri; Claudia B. de Faveri; Juliana Steil. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- ROMEIJN, M. **Capturing the Ungraspable in Words: An Analysis of the Effectiveness of Postmodern Elements from Markus Zusak's The Book Thief as Translated in the Dutch Prose Translation, the Novel's Screen Adaptation, and**

the Dutch Subtitles Thereof. 2017. 66 f. - Universiteit Leiden, [s. l.], 2017. Disponível em: <https://studenttheses.universiteitleiden.nl/handle/1887/45255>. Acesso em: 24 nov. 2020.

SARIAN, M. C. A Linguagem Não-Padrão na Literatura Traduzida: Teorias Políticas Sob Análise. **Revista Ecos**, Cáceres, v. 01, n. 07, p. 69–74, 2008.

SCHÄFFNER, C. Metaphor and translation: Some Implications of a Cognitive Approach. **Journal of Pragmatics**, Birmingham, 2004.

SCHMIDT, G. Applying Conceptual Metaphor Theory in crosslinguistic and translation research. In: **DIMENZIJE ZNAČENJA: UREDIO BRANIMIR BELAJ**. [S. l.]: Branimir Belaj, 2015. p. 243–265. *E-book*. Disponível em: https://www.academia.edu/16503509/Applying_Conceptual_Metaphor_Theory_in_cross_linguistic_and_translation_researchHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 27 jan. 2021.

STEFFEN, B. **CONCEITUALIZAÇÃO METAFÓRICA CONTRASTIVA EM PORTUGUÊS E FRANCÊS: ANATOMIA DOS MÚSCULOS**. 2016. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/143627>. Acesso em: 25 nov. 2021.

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. **The Map: A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies**. UK: St. Jerome Publishing, 2002.

ZUSAK, M. **A Menina Que Roubava Livros**. Tradução: Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

ZUSAK, M. **The Book Thief**. New York: Alfred A. Knopf, 2016.